

- especial: ANIVERSÁRIO -

- para a revista
MULHERES

Fundação Cuidar o Futuro



14 Abril 1983

MARIA DE LOURDES PINTASILGO

PRIMEIRO MINISTRO

Fundação Cuidar o Futuro



mento dos seus problemas. A revista tem permitido vindo a despertar, a sensibilizar as mulheres para problemas que, sem dúvida, já sentiam mas julgando-os individuais sem os enquadrar numa perspectiva mais ampla.

Parece-me particularmente importante a receptividade conquistada pela revista junto da juventude, numa perspectiva de mudança das mentalidades, de alteração dos padrões tradicionais, abordando problemas das jovens e dos jovens que tantas vezes se sentem isolados, sem um espaço para a comunicação das suas vivências e da sua diferença.

Manuela Nunes Prates

Estou especialmente ligada à revista «Mulheres» porque nos primeiros tempos empenhei-me na sua divulgação. Como mulher e como dirigente do sindicato têxtil, sector onde a maior parte dos trabalhadores são mulheres, penso que a revista veio preencher um vazio na luta das mulheres. De uma maneira geral acho a revista excelente. Mas desejava que fosse maior o espaço dado aos problemas sectoriais da mulher trabalhadora. Compreendo que há razões de actualidade derivadas do facto de a revista ser mensal mas seria extremamente importante e uma nuca de denúncia sobre o que as mulheres sofrem nos seus locais de trabalho. E a revista «Mulheres», pela sua divulgação tão grande em tantas camadas diferentes de mulheres é fundamental para que haja uma visão mais concreta dos problemas e marginalizações das mulheres trabalhadoras.

que lê. «Uma revista» — responde «Mas não é uma revista como as outras. É uma revista que mostra como os costumes entre os homens e as mulheres mudam com o tempo. Conta como era dantes, como é agora e porque é que mudou».

Três bancos à frente, fiquei intrigada. Na paragem seguinte, quando todos tinham saído a beber um café, espreeitei a revista que ficara. Era «Mulheres».

Tendo feito uma tentativa lograda de fazer uma revista concorrente directa de «Mulheres», considero que a esta, ainda lhe faltam alguns aspectos importantes, jornalísticos e teóricos, mas talvez impossíveis de concretizar, com os pouquíssimos meios de que dispõem. Mas também é verdade, que consegue apesar disso, lançar a pouco e pouco, entre milhares de portuguesas, a semente de uma consciencialização séria, sobre as relações entre os homens e as mulheres. O que entre nós, não é fácil.

Parabéns, portanto, a todas.



Manuela Eanes

Num momento em que a vossa publicação festeja mais um aniversário não poderia deixar de me associar à alegria de quantas nela colaboram.

O facto de sabermos que não é fácil, no jornalismo empenhado na dignificação e defesa da igualdade de direitos e oportunidades para a mulher, manter elevados padrões de qualidade, só reforça o valor de exemplo que constitui a Revista «Mulheres».

Para todas as que estão associadas a este esforço comum, bem como para as leitoras de «Mulheres», o meu voto de felicidades pessoais e trabalho bem sucedido.



Maria Belo

Na camioneta para Paris, um emigrante, com os seus 45 anos, pede a uma mulher mais nova, que lhe empreste a revista, que levava com ela. Passa o tempo. Outro pergunta-lhe o



Maria de Lourdes Pintassilgo

Não temos dúvida hoje de que a sociedade só se fortalece se os vários grupos sociais que a constituem afirmarem a sua identidade e construírem essa sociedade a partir da sua própria vivência. As mulheres são potencialmente neste fim de século um desses grupos sociais — o maior e o mais universal mas também o mais longe ainda da descoberta da sua identidade.

Por isso é cada vez mais preciso que se ergam as vozes que, em tons diferentes, apontam para essa identidade. É preciso fazer compreender que o que parece desvio é valor a criar novos modelos, que o que se julga fraqueza é força que se desconhece como tal, que o que é acusado de ingenuidade e idealismo femininos

especial / 5.º aniversário

é o que mais perto está da realidade da vida — valor, força, realismo, tanto mais necessários quanto mais a sociedade nos aparece fragmentada e dispersa, tecnicizada até ao limite e desprovida dos instrumentos de controlo social e cultural dessa técnica.

A revista «MULHERES» é no nosso país uma das vozes mais constantes na sua persistente e original afirmação da identidade das mulheres.

Nela se tece e entretece a teia da história — as mulheres que nos fizeram aqui neste país e que nos legaram estímulo e convicção; as mulheres de outros espaços e outros tempos que são grito de irreverência criadora nas solenidades tradicionais, que são presença dissidente e incómoda na ortodoxia sem falhas do sistema montado pelos homens e para os homens.

Nela se ouvem os ecos do que fazem, dizem, criam as mulheres nas cenas da vida e da ficção sob todas as formas — para encontrarmos nas palavras de outras mulheres o que nunca ousámos pensar, tão novo é o continente a que aportámos; para sabermos (de um saber nascido em idêntica terra) experiências que se nos tornam paradigma nesta procura de valores e caminhos em que conjuntamente nos buscamos.

Nela se é convidado para uma reflexão crítica sobre o que vai acontecendo neste mundo de homens e mulheres. No mundo real dos factos: e aí se desmistificam os pseudo-heróis e se narram as odisséias não cantadas dos que atravessam as fronteiras das coisas tidas por impossíveis. No mundo imaginário da TV ou do cinema: e aí se entende por que nos identificamos a esta ou aquela personagem, por que nos fixamos obstinadamente numa série televisiva.

Dizer isto é ainda dizer pouco. Mas é o suficiente para afirmar que a revista «MULHERES» é o catalizador de um grande e obscuro processo de conscientização que vai tocando a estrutura do que é ser mulher neste país e neste tempo. Assim possam todas as mulheres, tendo embora opiniões pontualmente diferentes, contribuir para que o trabalho feito pela excepcional equipa que faz e gera «MULHERES» seja repercutido em momentos e lugares diferentes como uma consciência que colectivamente se assume.

Maria de Medeiros

Quando penso na revista «Mulheres», penso sobretudo no importante



papel, que ela desempenha na vida das mulheres em Portugal.

Para além da informação e dos artigos de análise, que atingem e dizem respeito a várias camadas de mulheres e aos seus problemas, a existência da revista em si, constitui uma grande segurança para as mulheres portuguesas. Um meio de informação com que elas podem contar e onde vêem tratados assuntos, que lhes dizem especificamente respeito, a elas mulheres, e que habitualmente não são tratados noutros meios de informação. Meios de informação onde esses assuntos aparecem ou deturpados ou apresentados de uma forma fictícia, que não têm nada a ver com os verdadeiros problemas das mulheres.

Penso que a revista «Mulheres» é uma fonte onde todas as mulheres podem beber a sua palavra.



Maria Ondina Braga

Um claro apelo feminino numa sociedade em que a maior parte das mulheres ainda não tem voz. Pelo que o atrevimento e o risco. E o direito.

De mergulhada que ando ultimamente no pensamento chinês, ocorreu-me esta expressão: «Orelha de surdo-mudo», a sugerir objecto ou acto ocioso e vão: tal qual entre nós, certas publicações de futilidades, bis-

bilhotices, escândalos e assim? Por outro lado, existe também na China, este provérbio: «Nobres palavras cicadas na terra, bradam como um trovão no céu».

Por mim, estou com a revista «Mulheres», como estou com tudo o que envolve generosidade e justiça.



Natália Correia

O grande atractivo da Revista «Mulheres» é empenhar-se numa óptica universal do feminino, percorrendo os diversos caminhos que reconduzem à fonte materna da Humanidade, ou seja, a mulher primordial e perene. Nesta dimensão o histórico não sacrifica o mítico e o social não deixa na sombra as valências imperiosas da ética e da estética, relacionadas com a individualidade feminina.

Entendendo eu que, na viragem histórica que vivemos, que tem um cariz essencialmente cultural, a mulher é um agente privilegiado da mudança, pois que os novos paradigmas anunciam-se sedentos dos valores característicos do feminino de cultura, tais como a sensibilidade, o sonho, a paz, e os direitos da natureza, a Revista «Mulheres» é exemplarmente cultural.



Regina Louro

«Uma canta, a outra não», dizia, em título, um filme de Agnes Varda. Umam levam vidas obscuras, outras